



UNILAB

Universidade da Integração Internacional
da Lusofonia Afro-Brasileira

**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

ELISÂNGELA SURAYA GOMES RAMOS

**A AFETIVIDADE NO PROCESSO ENSINO E APRENDIZAGEM: PERSPECTIVAS
DOS ESTUDANTES DE BACHARELADO INTERDISCIPLINAR DA UNILAB**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2017

ELISÂNGELA SURAYA GOMES RAMOS

**A AFETIVIDADE NO PROCESSO ENSINO E APRENDIZAGEM: PERSPECTIVAS
DOS ESTUDANTES DE BACHARELADO INTERDISCIPLINAR DA UNILAB**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Acosta Leyva.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2017

ELISÂNGELA SURAYA GOMES RAMOS

**A AFETIVIDADE NO PROCESSO ENSINO E APRENDIZAGEM: PERSPECTIVAS
DOS ESTUDANTES DE BACHARELADO INTERDISCIPLINAR DA UNILAB**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel(a) em Humanidades.

Aprovado em: 29/07/2017.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Pedro Acosta Leyva

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - Unilab

Prof. Dr. Marcos Carvalho Lopes

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - Unilab

Prof. Dr. Ricardo Matheus Benedicto

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - Unilab

Dedico este trabalho primeiramente a Deus a todos que contribuíram direta ou indiretamente em minha formação acadêmica. E principalmente ao meu companheiro Gerson Less e a minha filha Yasmim Less.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	6
2	JUSTIFICATIVA	7
3	PROBLEMA	9
4	OBJETIVOS	9
4.1	GERAL	9
4.2	ESPECÍFICOS	9
5	METODOLOGIA	9
6	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	10
6.1	AFETIVIDADE NO PROCESSO DO ENSINO-APRENDIZAGEM	14
7	CRONOGRAMA	17
	REFERÊNCIAS	18

1 INTRODUÇÃO

A educação tem por objetivo principal a formação, através de objetivos e metodologias estabelecidas nas escolas e nas universidades e noutros espaços que se pode ensinar e aprender. Assim, a afetividade ganha relevância na medida em que se percebe em diferentes níveis de ensino a não separação dos aspectos afetivos e cognitivos.

Em termos gerais a afetividade pode ser entendida como um instrumento fundamental para o desenvolvimento psicológico e social do ser humano. Para muitos só se aborda em casa entre pais e filhos, mas ela também se faz presente no meio educacional, especialmente em sala de aula, entre professor aluno. E quando se pensa na afetividade em sala, tende-se a vislumbrar somente sala de aula das series iniciais, mas ela também está presente também noutros níveis de ensino, inclusive no ensino superior.

A afetividade assume um caráter mais realista, embasado na busca de um equilíbrio na relação do professor e aluno, com vista à construção do desenvolvimento do estudante e do professor num ambiente propicio. Portanto a afetividade não deve ser tratada como algo distante do cotidiano dos alunos, mas como parte de suas vidas e de suma importância para o seu desenvolvimento cognitivo.

Deste modo, para formarmos indivíduos ou cidadãos críticos não basta o conteúdo ou trabalhar a cognição sem levar em consideração o afeto. Para apoiar essas e outras ideias. Apresenta-se no texto as percepções de diversos autores e com destaque dos principais teóricos que falam sobre a aprendizagem e afetividade que são: Piaget, Vygotsky e Wallon, levando em consideração as convergências de percepções sobre o assunto deste projeto e consciente que em muitos outros assuntos se divergem, mas que não constitui objeto desse trabalho.

Através desses teóricos pode-se analisar e entender a importância da afetividade no ensino-aprendizagem na vida de um indivíduo, tanto para seu desenvolvimento intelectual como também para seu desenvolvimento e entendimento social no meio em que se vive.

Cabe ressaltar também, que embora os princípios epistemológicos abordados por esses três filósofos, estão voltada mais na afetividade que se deve ter enquanto criança, e a forma que a criança se constrói e se desenvolve socialmente, estarei

focando na afetividade do indivíduo enquanto adulto e universitário, esse será meu alvo.

Da mesma forma que uma criança necessita de afeto no ensino-aprendizagem nas escolas, também o indivíduo adulto e universitário precisa desse afeto do professor para se construir profissionalmente. No ensino superior verifica-se que alguns professores a despeito da consciência da sua relevância dão pouco importância talvez por acharem que suas autoridades podem ficar ameaçados, mas a autoridade não exclui afetividade e nem afetividade a autoridade e o rigor acadêmico.

Para Freire (1996, p. 159-160):

Essa abertura de querer bem não significa, na verdade, que, porque professor, me obrigo a querer bem a todos os alunos de maneira igual. Significa, de fato, que a afetividade não me assusta, que não tenho medo de expressá-la. Significa, está abertura ao querer bem a maneira que tenho de autenticamente selar meu compromisso com os educandos, numa prática específica do ser humano. Na verdade, preciso descartar como falsa a separação radical entre seriedade docente e afetividade. Não é certo, sobretudo do ponto de vista democrático, que serei tão melhor professor quanto mais severo, mais frio, mais distante e “cinzento” me ponha nas minhas relações com os alunos, no trato dos objetos cognoscíveis que devo ensinar. A afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade.

A afetivo, seriedade e ética são coisas que pode se conviver no trabalho docente. Assim não diminui em nada a qualidade do trabalho do professor, pelo contrário, ajuda o professor a trabalhar de melhor forma, tendo em vista a aprendizagem dos seus estudantes.

2 JUSTIFICATIVA

O presente trabalho tem como objetivo, abordar como a afetividade influencia no processo de ensino-aprendizagem dos professores e os alunos no ensino superior, tem também como objetivo de compreender e analisar a relevância da afetividade no ensino superior, analisando as possíveis barreiras existentes entre professores alunos. Quando se fala do ensino superior, tem que se levar em conta que a afetividade deve ser vista de uma forma mais abrangente, levando em consideração as relações interpessoais e o comportamento próprio do indivíduo. Cabe ao professor ter empatia com os alunos para que vínculos afetivos sejam formados, levando em conta a importância que essa relação pode ter na vida de um aluno. Para um bom

desenvolvimento na aprendizagem, tem que ter uma boa relação entre professor-aluno, e é muito importante que haja essa preocupação no momento do conteúdo ser trabalhado pelo professor. Para Freire (1996, p. 161),

é preciso, [...] reinsistir em que não se pense que a prática educativa vivida com afetividade e alegria, prescindida da formação científica séria e da clareza política dos educadores ou educadoras. A prática educativa é tudo isso: afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança ou, lamentavelmente, da permanência do hoje.

Da perspectiva pessoal, o que me levou a escolher falar desse tema primeiramente foi o interesse e curiosidade em estudar, conhecer e compreender o real impacto da afetividade nos alunos do ensino superior, e ainda além de ser universitária, pretendo ter uma formação em pedagogia, isso me faz pensar que sem aluno não existe professor e sem professor não existe aluno, ou seja, esses dois sujeitos se constroem juntos mediados pela afetividade.

Como estudante percebo que a afetividade na aprendizagem auxilia o indivíduo/estudante no desenvolvimento cognitivo e na transformação como ser humano, sendo capaz de enfrentar os problemas e os obstáculos da vida, e com grande possibilidade de se tornar uma pessoa solidária com os outros na sociedade que vivemos, e que venha a ser um bom profissional.

Este projeto ganha relevância na medida em que não é difícil encontrar com colegas estudantes a reclamarem sobre determinada aula, muitas vezes dizendo claramente que não tem prazer em assistir determinada aula e outros até narram que tiveram problemas sérios com os professores, por isso, tiveram que trancar a matéria ou reprovaram. As vezes essas reclamações têm a ver com questões dos materiais didáticos, mas muitas vezes tem a ver com a relação afetiva que o aluno tem com o professor. Percebo que não basta só dar aula, mais o aluno tem que sentir prazer em aprender, ou seja, é interessante que o aprendizado seja prazeroso, principalmente para quem ensina como para quem recebe, de forma alguma que o ato de ensinar tem que ser imposto.

Ainda verifica-se que a temática é tão relevante na medida em quem constitui-se como preocupação na formação continua dos professores do ensino superior e tem-se discutido como a afetividade pode influencia na prática do professor. Assim por esse e outros motivos apontados constitui relevante abordar essa temática

3 PROBLEMA

Como a afetividade influencia no processo de ensino-aprendizagem dos professores e os alunos no ensino superior?

4 OBJETIVOS

4.1 GERAL

Analisar como a afetividade influencia no processo de ensino-aprendizagem dos professores e alunos no ensino superior.

4.2 ESPECÍFICOS

- Compreender a importância da afetividade no processo ensino aprendizagem.
- Verificar diferentes aspectos de atuação que podem influenciar negativamente ou positivamente a aprendizagem dos alunos.
- Entender a percepção dos alunos sobre a importância da afetividade no ensino superior.

5 METODOLOGIA

Metodologia, são caminhos a serem percorridos para atingir os objetivos propostos e responder à pergunta principal do trabalho. Assim, levando em conta a natureza do tema, a afetividade no ensino-aprendizagem, pode-se dizer que, a melhor forma de abordá-la é através de uma pesquisa qualitativa.

Esta abordagem tem como foco a compreensão e interpretação da ação, do comportamento humano. Segundo os teóricos Bogdan e Biklen (1982) a pesquisa qualitativa tem um ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento.

No entender de Weber apud Minayo, Assis e Souza (2005, p.81). “Esta abordagem se preocupa com a compreensão interpretativa da ação, ou seja, de todo o comportamento humano quando e até onde a ação individual lhe atribui um significado subjetivo”.

Para coleta de informações pretende-se fazer uso da entrevista do tipo semi-estruturada, este tipo de entrevista

“[...] ao mesmo tempo em que afirma a intencionalidade do ato da busca, da pesquisa, abre possibilidades para os depoentes/entrevistados seguirem seus próprios cursos narrativos e trazerem o inusitado, a evocação de suas memórias e visões sobre o que seja significativo” (MELLO, 2005, p. 53)

O objetivo das entrevistas é de conhecer as percepções dos estudantes sobre a relação da afetividade com o ensino-aprendizagem. O público que será alvo da minha pesquisa, serão os alunos da Universidade da Integração Afro-Brasileira - UNILAB do campo dos Males, do curso de Bacharelado em Humanidades - BHU, os alunos de segundo e quarto semestre.

Escolherei entrevistar esses alunos porque, eles poderão ter um nível de experiência maior em relação ao contato afetivo com os professores numa universidade, e com certeza poderão ter uma percepção mais clara sobre a afetividade no ensino-aprendizagem, dentro do recinto UNILAB.

6 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Alguns estudos já foram realizados sobre o tema afetividade no ensino-aprendizagem, mais irei apresenta-los e com isso mostrar a contribuição dessas publicações e também as limitações das mesmas e assim justificar a realização do estudo que proponho. Para entender melhor sobre a afetividade no processo de ensino-aprendizagem, vou abordar sobre as ideias dos três autores que falam sobre a afetividade no ensino, e são eles Piaget, Wallon e Vygotsky.

O homem um ser essencialmente social, impossível, portanto, de ser pensado fora do contexto da sociedade em que nasce e vive. Em outras palavras, o homem não social, o homem considerado como uma molécula isolada do resto de seus semelhantes, o homem visto como independente das influências dos diversos grupos que frequenta, o homem visto como

imune aos legados da história e da tradição, este homem simplesmente não existe (PIAGET apud LA TAILLE, 2003, p. 11)

De acordo com Piaget para entender o indivíduo não adianta só fazer certas perguntas e tentar de uma forma ou outra resgatar a sua personalidade ou as suas características para compreender o indivíduo, precisamos analisar os fatores sociais que lhes rodeiam, que são os contextos social, desenvolvimento intelectual e a inteligência, isto quer dizer que a relação professor aluno pode caracterizar se como positiva ou negativa dependendo da existência da afetividade que por elas são passadas, ou seja ele realça que todas as concepções conquistadas por um ser humano são possíveis por causa da convivência do aluno com o seu meio, tendo como exemplo o professor, no qual passa a ser um grande colaborador para que o aluno possa a ter a noção das coisas e de reproduzir as suas próprias ideias.

Para Piaget (1974, p.54) "parece existir um estreito paralelismo entre o desenvolvimento afetivo e intelectual..." ou seja para ele a afetividade desempenha um papel muito importante no desenvolvimento intelectual, aonde se não existir o afeto no quesito ensino- aprendizagem não existira, motivação nem interesse para se desenvolver intelectualmente.

De acordo com Piaget (1974), o que "prevalece é a maturação biológica", isto quer dizer, que para ele é que aprendizagem acompanha o desenvolvimento do indivíduo, ele ainda acredita que tudo que acontece nos fatores internos estão acima dos fatores externos, acredita também que o desenvolvimento acompanha de uma forma fiel a universalidade dos estágios. Além disso ele admite que o indivíduo de uma forma natural vai construindo os seus conhecimentos, e desenvolvendo a sua forma de ver as coisas, conforme se encontra o seu estágio de desenvolvimento.

Além de Piaget, Wallon deu também um significativo contributo, para entender a afetividade no ensino aprendizagem.

A importância das relações humanas para o crescimento do homem está escrita em sua própria história. O meio é uma circunstância necessária para a modelagem do indivíduo. Sem ele a civilização não existiria, pois foi graças à agregação dos grupos que a humanidade pôde construir os seus valores, os seus papéis, a própria sociedade (WALLON, 1959 APUD ALMEIDA, 1999, p. 45)

Segundo Henri Wallon (2007, p.17) a afetividade refere-se a capacidade, a disposição do ser humano ser afetado pelo mundo externo e interno por meio de sensações ligadas a tonalidades agradáveis ou desagradáveis.

Isto é, o ser humano é envolvido pela afetividade, que desempenha o papel fundamental no seu desenvolvimento e em suas relações sócias. Para ele o movimento é a base de do pensamento e as emoções que dão origens a afetividade, sendo ela fundamental na constituição do sujeito.

Para Wallon (2007) “os fenômenos afetivos representam a maneira como os acontecimentos repercutem na natureza sensível do ser humano, produzindo nele um elenco de reações a matizadas que definem seu modo de ser-no-mundo. Dentre esses acontecimentos, as atitudes e as reações dos seus semelhantes a seu respeito são, sem sombra de dúvida, os mais importantes, imprimindo às relações humanas um tom de dramaticidade. Assim sendo, parece mais adequado entender o afetivo como uma qualidade das relações humanas e das experiências que elas evocam (...). São as relações sociais, com efeito, as que marcam a vida humana, conferindo ao conjunto da realidade que forma seu contexto (coisas, lugares, situações, etc.) um sentido afetivo” (idem, p. 130-131)

Apesar da afetividade ser um fenômeno de natureza subjetiva, ela é independente do movimento do meio sociocultural, e nas interações entre os indivíduos. Na grande parte da sua vida Wallon fez pesquisa sobre a afetividade, e através dessa pesquisa que ele se dedicou, ele conseguiu identificar a manifestações afetivas do indivíduo e as suas principais características, e percebeu o quanto a complexidade sofre durante o desenvolvimento, assim. Ele também afirma que a afetividade tem um papel muito importante no desempenho e no desenvolvimento do intelectual do indivíduo.

A importância das relações humanas para o crescimento do homem está escrita na própria história da humanidade. O meio é uma circunstância necessária para a modelagem do indivíduo. Sem ele a civilização não existiria, pois foi graças à agregação dos grupos que a humanidade pôde construir os seus valores, os seus papéis, a própria sociedade (WALLON apud ALMEIDA, 1999, p. 45).

Ou seja, é que para Wallon a afetividade, o intelectual e a questão social estão integradas entre si, para ele as emoções são organicamente sociais, e elas vão sendo atualizada a partir da cultura em que o indivíduo se encontra.

De acordo com Wallon o ser humano é envolvido pela afetividade, que desempenha um papel fundamental no seu desenvolvimento e em suas relações

sócias, para ele o movimento é a base do pensamento e das emoções que dão origem a afetividade, sendo ela fundamental na constituição do sujeito como eu.

Quem separa desde o começo o pensamento do afeto fecha para sempre a possibilidade de explicar as causas do pensamento [...]. De igual modo, quem separa o pensamento do afeto nega de antemão a possibilidade de estudar a influência inversa do pensamento no plano afetivo, volitivo da vida psíquica, porque uma análise determinista desta última inclui tanto atribuir ao pensamento um poder mágico capaz de fazer depender o comportamento humano única e exclusivamente de um sistema interno do indivíduo, como transformar o pensamento em um apêndice inútil do comportamento, em sua sombra, sua desnecessária e impotente (VYGOTSKY, 1993, P. 25 APUD REGO; OLIVEIRA, 2003, P.18).

Assim, de tudo que já foi exposto pode-se afirmar que: Segundo na concepção de Piaget (1896-1980),

a afetividade e a cognição são aspectos inseparáveis. Apesar de serem de naturezas diferentes, toda ação e pensamento comportam um aspecto cognitivo, representado pelas estruturas mentais, e um aspecto afetivo, representado por uma “energia”, que é a afetividade. De acordo com Piaget, não existem estados afetivos sem elementos cognitivos, assim como não existem comportamentos puramente cognitivos. (AMARAL 2007, p.09)

Como Piaget, Wallon (1879- 1962) defende que a inteligência e a afetividade estão integradas.

A evolução da afetividade depende do que se realiza no plano da inteligência, da mesma maneira que a evolução da inteligência depende do que acontece com a construção dos afetos. Mas, admite que no processo de desenvolvimento humano existem fases com predomínio do afetivo e fases com predomínio do racional. (AMARAL 2007, p. 10)

Já Vygotsky (1896-1934), a despeito de ser considerado como cognitivista, porque se preocupava muito com as questões do funcionamento do pensamento e da mente, apresenta dois níveis de desenvolvimento: o real ou afetivo e o potencial ou proximal que está relacionada às capacidades a serem construídas. E também ele questiona a separação entre a afetividade e a cognição. Ele afirma que a psicologia tradicional peca em separar os aspectos intelectuais dos afetivos.

A despeito das divergências entre os teóricos Piaget, Wallon e Vygotsky apresentados no quesito ensino-aprendizagem, focalizou-se de forma consciente os aspectos relacionados à afetividade, objeto desse estudo e nas perspectivas que mais se convergem.

6.1 AFETIVIDADE NO PROCESSO DO ENSINO-APRENDIZAGEM

A afetividade no processo ensino-aprendizagem é muito importante para a formação do indivíduo, nesse contexto podemos observar que o bom relacionamento entre o professor e o aluno baseado no respeito mútuo facilita a mediação, para isso é preciso também que o educador esteja bem equilibrado emocionalmente, para poder resolver os conflitos e gerenciar da melhor forma a sala de aula.

A afetividade é um elemento fundamental no processo de ensino aprendizagem quer envolvendo alunos crianças e quer envolvendo jovens e adultos. Mas o seria afetividade? Alguns autores falam sobre esse conceito e sua relevância, por exemplo, para Antunes (2006, p.5) é:

Um conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções que provocam sentimentos. A afetividade se encontra “escrita” na história genética da pessoa humana e deve-se a evolução biológica da espécie. Como o ser humano nasce extremamente imaturo, sua sobrevivência requer a necessidade do outro, e essa necessidade se traduz em amor.

A importância de uma boa relação afetiva positiva entre o professor e o aluno para o processo de desenvolvimento da aprendizagem contribui para o melhor rendimento escolar. O papel professor não é só de levar seus conhecimentos aos seus alunos, mais também a forma que ele conduz a sua atividade e tem um certo nível de afetividade com seus alunos, é notório a facilidade de aprendizagem dos alunos.

O educador além de levar os seus conhecimentos aos seus alunos, ele também tem o papel de ajudar o aluno a tomar consciência de si, dos outros da sociedade em que vivemos, e o seu papel dentro dela como pessoa, é também ajudar o aluno a si aceitar como pessoa que tem história, aceitar os outros com a sua história.

A aprendizagem se dá no contato entre professor e aluno e é por causa desse contato ou interação que pode-se dizer que ela se dá através de relações afetivas, ou seja, a aprendizagem não se dá somente no aspecto cognitivo é necessário como diz Freire (1996) um vínculo entre o aquele ensina e aprende e o que aprende e ensina. Ainda Freire (1996) vê essa relação afetiva ou pela amorosidade com diz o autor citado permite o diálogo o desenvolvimento do aluno e acima de tudo a humanização

A afetividade é importante no processo do ensino-aprendizagem, porque quando um educador que transmite o saber de uma forma emocional e afetivo, conseguiu atingir todos os grupos de alunos.

Neste sentido para Almeida (1993, p. 41):

[...] o que parece-nos essencial na relação ensinar aprender é que se reconheça a afetividade do aluno como uma dimensão inseparável, indissociável da inteligência, promotora de desenvolvimento, e que o educador tenha, ele mesmo, clareza de sua própria afetividade enquanto educador, considerado na função de professor ou de pai, ou seja, na condição de educador, em seu estatuto de adulto.

Muitas vezes o aluno não passa de ano porque não entende a matéria, ou porque ele não se adaptou a forma que o professor da aula, mas pelo fato de o professor se bem sério e não ter aquela afetividade com os alunos, acaba por ter um afastamento de aluno pelo curso, disciplina aonde esse aluno acaba por se reprovar e perder o interesse. Quando o professor não está apto ou é muito fechado na questão de entender o aluno e ter a sensibilidade de ver além do que aluno está representando na sala, para poder entender o porquê de certa atitude ou comportamentos, ele está fechando oportunidades de ter um indivíduo de caráter, um bom profissional que possa dar a sua contribuição nessa sociedade. Muitas vezes a constituição de perspectiva de um indivíduo e as suas críticas formadas, acontecem dentro de uma sala de aula com a ajuda de um professor sem medo de dar e receber o afeto, o respeito e de um bom reconhecimento por partes dos alunos.

Neste sentido, na perspectiva de Masetto (2003, p. 48)

A interação professor-aluno, tanto individualmente quanto com o grupo, se destaca como fundamental no processo de aprendizagem e se manifesta na atitude de mediação pedagógica por parte do professor, na atitude de parceria e co-responsabilidade pelo processo da aprendizagem entre aluno e professor e na aceitação de uma relação entre adultos assumida por professor e aluno.

Quanto mais agradável for o ensino mais suscita o desejo do aluno estar na sala de aula e conseqüentemente aprender mais, por outro lado, quando a relação afetiva é abala o aluno perde todo o gosto pela matéria e afeta o seu desenvolvimento. No entende de Rodrigues (1976, p.179) “se a situação de aprendizagem é gratificante e agradável, o aprendizado tende a se dinamizar, a extrapolar-se para situações novas e similares e, por fim, a inspirar novas aprendizagens”. Ou seja, a interação

afetiva é condição necessária para produção de conhecimento por parte do aluno, porque quando existe algo que perturbe essa relação afetiva entre professor e aluno nem diálogo e nem a cooperação ficam o mesmo, o clima da sala não favorece a colocação das dúvidas ou para trabalhar em grupo e nem tão pouco debater quando for necessário e isso tudo pode levar a desmotivação.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso. **A afetividade na escola: educando com firmeza**. Londrina: Maxiprint, 2006.194p.

AMARAL, Vera Lúcia. **A vida afetiva: emoções e sentimentos**. Natal, RN: EDUFRN, 2007.

ARANTES, V. Algumas contribuições da psicogenética de H. Wallon para a atividade educativa. **Revista de educação da A. E. C.**, Brasília, v. 23, n^o 91, p. 45-51, abr/jun. 1994.

BOGDAN, Robert & BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1982.

DANTAS, Heloysa. **Afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon**. In: DE LA TAILLE, Piaget, Vygotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à prática educativa**. 15ª edição ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1996.

MASETTO, Marcos Tarciso. **Competência Pedagógica do Professor Universitário**. 3. reimp. – São Paulo: Summus, 2003.

MELLO, Marco. **Pesquisa Participante e Educação Popular: da intenção ao gesto**. Porto Alegre: Editora Ísis; (Diálogo – Pesquisa e Assessoria em Educação Popular; IPPOA – Instituto Popular) 2005.

MINAYO, M.C.S; ASSIS, S.G; SOUZA, E.R. **Avaliação por triangulação de métodos: abordagem de programas sociais**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.

SMOLKA, A. L. B. & GÓES, M. C. (orgs.) (1995) A linguagem e o outro no espaço escolar: VYGOTSKY, L.S e a construção do conhecimento. São Paulo: Editora Papyrus.

_____. **A formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes. 1994

WALLON, H. (1968) **A evolução psicológica da criança**. Lisboa: Edições 70.

_____. **As Origens do Caráter na Criança**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro. 1971

RODRIGUES, Marlene. **Psicologia educacional: uma crônica do desenvolvimento humano**. São Paulo: Mc Graw-Hill do Brasil, 1976. 305p.